



## Os descaminhos de uma modernidade periférica na lírica de Joaquim Cardozo

Raquel Brandão do Serro<sup>1</sup>

### RESUMO:

O poema “Canto do homem marcado” nos lembra que somos livres, e que a arte é o outro do mundo, entretanto, ela tem o mundo em si. Temos a poesia lírica não como reflexo subjetivo do “eu lírico”, mas, sim, como dialética entre sujeito e objeto. Seus versos captam as relações entre esse mundo objetivo e as pessoas. O leitor pode acompanhar esse processo em que a lírica fala o que a ideologia esconde, cantando a tensão entre os descaminhos de uma modernidade subdesenvolvida e a ótica poetizadora de Cardozo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Joaquim Cardozo. O trabalho poético. Transformação do mundo.

### ABSTRACT

The poem “Canto do Homem Marcado” (The Marked Man’s Song, in a free translation) reminds us of our freedom; and that art is a distinct world, although it comprehends the world in itself. In this article, we do not understand lyric poetry as a subjective reflection of the “lyrical self”, but it is perceived as the dialectical relationship between subject and object. The poem’s lines capture the interaction of this objective world and people who live in it. The reader can follow this process, where lyric poetry gives voice to what ideology intends to hide by singing the tension between the tortuous paths of an underdeveloped modernity and the poetical view of Cardozo.

**KEYWORDS:** Joaquim Cardozo. Poetic Writing as Labor. World transformation.

### INTRODUÇÃO

Abaixo, o “Canto do Homem Marcado” de Joaquim Cardozo:

1     Sou um homem marcado...  
      Em país ocupado  
      Pelo estrangeiro.  
      Sou marinheiro  
5     Desembarcado;  
      Marcho na bruma das madrugadas;  
  Mas –  
      Trago das águas  
      A substância

---

<sup>1</sup> Aluna do Mestrado em Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília - A Poesia de Joaquim Cardozo: um caminho próprio e original da poesia moderna brasileira – [quel.brand@hotmail.com](mailto:quel.brand@hotmail.com)

10 Da claridade  
 DA CLARIDADE!  
 Sou o indefinido,  
 O inesperado  
 Viajante da tarde nua,  
 15 Que uma dor augusta comoveu...  
  
 Tudo a renuncia,  
  
 Tudo  
 O que eu conservo  
 De altivo e puro,  
 20 Sob o meu manto adormeceu.  
  
 Em outros tempos e antigos  
 Plantei alfâces, vendi craveiros,  
 Fui hortelão, fui jardineiro;  
 E a escura terra..  
 25 TERRA
  
 Dos meus canteiros,  
 Sempre arqueava o dorso  
 Ao gesto amigo  
 De minha mão.  
  
 30 Hoje provo, na boca, um desgosto,  
 Hoje tenho, no sangue, um sinal  
 Que não foi e não é das algemas  
 Da prisão da Vida,  
 Nem do jugo da Terra,  
 35 Nem do pecado original.  
 Muito bem sei, senhores,  
 Que sou um sonho cravado na morte,  
 Que sou um homem ferido no olhar. . .  
 E que trago, bem viva, entre as nódoas do mundo,  
 40 A mancha do meu país natal.  
  
 Sou um homem manchado de sombra  
 No sonho, no sangue, no olhar,  
 Sou um homem marcado. . .  
 Em país ocupado  
 45 Pelo estrangeiro.  
  
 Mas esta marca temerária  
 Entre a cinza das estrelas  
 Há de um dia se apagar!  
 Por isso é que me amparo às mãos dispersas da noite...  
 50 E pelos pés difusos do vento é que marcho  
 Na bruma das madrugadas...  
 Trazendo das águas a substância  
 Da claridade  
 E um cheiro manso  
 55 De manhã fria...

Oh! Soledade!  
Oh! Harmonia!

(CARDOZO, 2008, p.212)

O *Canto do Homem Marcado*, de Joaquim Cardozo, está no livro **Signo Estrelado**, publicado em 1960, treze anos após a publicação do seu do livro de estréia. Muitos dos poemas já se distanciavam da temática regional, apelando para novos recursos.

Dentro dos chamados gêneros poéticos, é classificado como uma elegia, e sabemos que esse tipo de poema tem um tom melancólico. Modernamente, a elegia possui digressões destinadas a ajudar ouvintes ou leitores a suportar momentos difíceis, por extensão, designa toda reflexão poética sobre a morte, além de tratar de acontecimentos infelizes do próprio “eu lírico” ou da sociedade. Na antigüidade, a elegia era uma composição da poesia lírica monódica (ou seja, declamada pelo próprio poeta, geralmente, e acompanhada por um só instrumento musical - como a lira), daí a idéia de canto, no título do poema.

Enquanto executa o trabalho poético, o poeta fala, também, do trabalho reificador, do trabalho moderno e alienado. Ele se manifesta nas três dimensões temporais: no passado enquanto se recorda de um momento em que o trabalho não-estranhado era possível; no presente, enquanto o trabalho reificado é a realidade; e no futuro: o poeta canta outra lembrança, mas, paradoxalmente, uma lembrança do futuro, em que o contrário do que vive em seu presente, era/será possível. A idéia é de que o tempo caminha, ou afasta-se lentamente, de acordo com o pesar da voz lírica, e aponta para o futuro. O poema não resolve os problemas por ele colocados, mas possibilita a elaboração de um mundo outro

È preciso salientar, o contraponto entre claridade e sombra. A claridade (passado) é perdida, e logo o poema é mediado, então, pela sombra (presente), e há novamente o retorno da claridade (futuro). Se o poema se acerca de um tempo caótico, o poeta, no entanto, procura recuperar um tempo positivo da memória, mas, percebe que talvez, esse momento esteja no futuro.

Estamos diante de uma obra que discute algo dialético: o poema, que está contra o mundo do trabalho estranhado, faz parte desse mundo. É a metonímia da contradição da própria arte que carrega a “substância da claridade”, mas também a “nódoa do mundo”, porém, ela se recusa a se limitar como mercadoria. Ora, se há um mundo

poético é porque há um mundo desgraçado. A recusa do mundo reificado é a válvula de escape, o espaço de resistência contra da sociedade de controle.

## DESENVOLVIMENTO

O poema se inicia com a estrofe que terá seus primeiros versos eleitos uma variante de refrão, isso, porque, esses versos, ora aparecem integrados no início, ora no final de diferentes estrofes: “Sou um homem marcado.../ Em país ocupado/ pelo estrangeiro.” O poema segue então, com afirmativas sobre que o eu lírico sabe dele mesmo, “Sou o indefinido,/ O inesperado”. A sonoridade dos versos das duas primeiras estrofes dá o tom fúnebre, acentuado pela coliteração que ocorre na repetição das consoantes bilabiais /p/ nas palavras “país, ocupado e pelo”; e /b/ nas palavras “desembarcado, bruma e substância”. Há também a assonância do som da letra /d/ nas palavras “desembarcado” e “madrugadas” e da letra /o/ nas palavras “sou, ocupado, estrangeiro e marinheiro”. A imagem que se tem é de um lamento, de alguém que perdeu seu lugar no mundo, e está sem lugar diante de uma nova realidade: “Sou marinheiro/ desembarcado”.

O verso seguinte a essa estrofe, encontra-se deslocado graficamente, para a direita, seguido de travessão, para destaque. A conjunção adversativa “Mas”, aparece, e neste momento, o poema se abre para uma nova perspectiva, a atmosfera sombria da primeira estrofe, o mistério causado pelo nevoeiro de quem “Marcho na bruma das madrugadas;” abre espaço para a assonância do som da letra /a/, das palavras “água” e “claridade”, e nestes versos claros, abertos, temos o “eu lírico” como alguém que traz algo: “Trago das águas/ A substância/ Da claridade”, algo que ilumina, mas que antes é substância, é permanente, tem natureza, é essência e revela luz aos olhos. Então, um novo registro é introduzido no poema: o verso 11 está em caixa alta, para dar mais ênfase, para deixar mais clara a sua “CLARIDADE”. Contraditoriamente, esse tom branco, alvo, não se reflete no “eu lírico” que se declara, ao contrário da “Substância da claridade”, que seria sua própria poesia, “indefinido e inesperado”: o próprio poeta. Lembremo-nos que o trabalho do poeta se contrapõe ao mundo reificado, apesar de a própria poesia, fruto do seu trabalho, brotar nele. Ela nasce no mundo ao qual se opõe, e diz que um mundo outro é possível.

Esse “eu lírico” possui uma dor, também indefinida, uma dor não comum, uma dor “augusta”, ou seja, nobre, glorificada, que o comove. Mas essa dor não constata apenas as aflições deste mundo, mas também procura suas causas. É possível que o porquê se escape, mas há a busca. O poema faz parte do mundo das contradições, mas se destaca por querer conhecê-las.

O poema possui características de canto, não somente por seu encantamento sonoro, pelo título ou pelo uso de uma variante de refrão. Temos também algo bastante curioso, uma repetição enfática de palavras que acaba tornando o poema, de certa forma, espelhado, reflexivo, como algo que se volta para si mesmo. Essa idéia de canto é proporcionada pelas rimas, pelos versos bem cadenciados e principalmente pela repetição de algumas palavras, em versos seguidos, como é o caso da palavra “clareza” no verso 10 e 11; da palavra “Tudo” nos versos 16 e 17, e a palavra “terra” nos versos 24 e 25, sendo que os versos 11, 17 e 25 são deslocados graficamente para a direita.

Para a análise, este poema poderia ser dividido em quatro partes. A primeira que vai do início até o verso 20, em que, no tempo presente, o poeta nos apresenta o “eu lírico” e seu dilema de ser estrangeiro em sua própria terra; a segunda parte, com início no verso 21, parte de lembranças de um passado, que está na consciência do presente, se presentifica. Isso fica claro se lermos o verso que inicia esta parte: “Em outros tempos e antigos”, o “eu lírico” nos apresenta um momento passado, em que o trabalho artesanal, em que lidar com as plantas, a terra, era seu ofício: “Plantei alfaces, vendi craveiros, “Fui hortelão, fui jardineiro;”. E aí, temos a imagem mais bela do poema: “E a escura terra.../ TERRA/ Dos meus canteiros,/ Sempre arqueava o dorso/ Ao gesto amigo/ De minha mão.” Assim mesmo, com a palavra “TERRA” em caixa alta, em destaque, como se ela recebesse a carícia do camponês, se erguesse para seu gesto amigo de semeadura, de trato. A imagem da terra se arqueando para ser semeada é a metonímia do trabalho não-estranhado, do trabalho artesanal, e, por que não, do trabalho poético.

A evocação desse momento, da imagem campestre, do *locus amoenus*, resgata a tensão entre a paisagem pré-industrial e aquela que dá sequência à modernidade no país. Cardozo é pernambucano, e Recife passou por radicais transformações, estorvada por um projeto de urbanismo. Diante da cidade, em plena mutação, quando os novos traçados urbanos já prenunciavam o advento da “modernidade”, Joaquim Cardozo canta, através de uma lírica liberta dos quadros provincianos ou exóticos, a substituição dos engenhos pelas grandes usinas implantadas pelo capital estrangeiro

No verso 30, temos o fim da segunda parte, e o início da terceira, em que o poeta fala do seu momento atual: “Hoje provo, na boca, um desgosto,” temos o advérbio temporal, e a conjugação verbal no presente. Apesar de ter sido publicado em 60, o poema foi escrito em 1952, no Brasil, Getúlio Vargas estava em seu segundo período presidencial, que se caracterizou por uma política econômica de tendência nacionalista que buscava conciliar as demandas populares com as exigências das acelerações do crescimento econômico. O governo projetou duas diretrizes que visavam à superação do estágio de desenvolvimento brasileiro: por um lado, a participação decisiva do Estado e de setores privados nacionais no processo de industrialização e, por outro, o estímulo à entrada de capital estrangeiro. Entretanto, a dimensão política do poema está na própria organização da obra, a literatura como momento de autoconsciência: é um espelho em que a sociedade pode se ver, mas não quer se olhar...

Temos a anáfora, manifestada, na repetição da palavra “hoje”, nos versos 30 e 31, que aborda o momento presente, que é o tempo do poema, pois tudo o que advém do passado ou do futuro, é trazido pelo momento presente, marcado pelo tom saturnino. O gosto presente em sua boca é um “des-gosto” o seu sinal, a sua marca, corre em seu sangue... é um estigma. Essa marca, que o poeta fala desde o título, “Que não foi e não é das algemas/ Da prisão da Vida,/ Nem do jugo da Terra,/Nem do pecado original.”. Em seu país natal, já se nasce com esta “marca temerária”, da periferia, da subordinação à soberania do capital estrangeiro.

O poeta chama a atenção, para seus ouvintes, por meio do vocativo: “Muito bem sei, senhores,/Que sou um sonho cravado na morte,/Que sou um homem ferido no olhar...” ele se sabe como um sonho cravado na morte, como algo que existe, mas está enterrado na própria morte, que é paradoxalmente, a mais viva de todas as criaturas... como se fosse assim, um sonho latente, bem como arte também o é.

O eu lírico vê o mundo pela “substancia da claridade” manifestada no momento em que preparava sua memória para falar de um passado, e através dela pode ver as “nódoas do mundo.” Lembremo-nos de que a mesma claridade que ilumina, que nos faz ver, pode também nos ferir os olhos. Quadros, pinturas, de um mundo de antes, de um mundo de agora, e também, de um mundo de depois. Quem canta, se afasta para captar o mundo de um outro ponto de vista, tem uma outra percepção da realidade, diferente da predominante, que é condicionada.

Inicia-se no verso 46, a quarta e última parte do poema, introduzida após a variante de refrão do canto: “Sou um homem marcado.../ Em país ocupado/ Pelo estrangeiro.” e novamente, pela conjunção adversativa “Mas”, assim como foi a

passagem da primeira estrofe do poema para a segunda, novamente, como um reflexo: “Mas esta marca temerária/ Entre a cinza das estrelas/ Há de um dia se apagar!”. A quarta parte do poema tem em seus verbos, o tom da esperança, o tom da liberdade, a quebra das algemas, a anulação da marca.

Já no verso 50: “E pelos pés difusos do vento é que marchou”, temos uma palavra ambígua, e até certo ponto, recorrente na poesia de Cardozo - “pés” que tanto quer dizer uma parte do corpo humano que ajuda no transporte daquele que vai trazer das águas a substância da claridade, quanto o meio pelo qual essa substância é trazida: o próprio poema, por se referir também, a uma medida do verso grego e latino, e nesse caso, obviamente, o poeta se refere ao trabalho poético. Estes pés são difusos, sem direção determinada, espalhados, mas marcham, com firmeza, em busca dessa esperança: “Trazendo das águas a substância/ Da claridade/ E um cheiro manso/ De manhã fria...” um futuro que se inicia com a promessa de uma manhã clara, finalizando o jogo de luz e sombra do poema. Porém, o fato de o poema se repetir, de se alongar, nos faz pensar, se com essa manhã, não venha também, um mundo repetido, reproduzido, e ele amanheça, tal como o é hoje.

Nos dois últimos versos, o poeta inicia com a interjeição “Oh” que tanto quer dizer alegria ou dor, admiração ou espanto, ou seja, seus próprios contrários. O poema é construído pelas tensões entre as recordações do passado e o momento presente: “Oh! Soledade!/ Oh! Harmonia!” a falta de companhia em seu olhar, o estado de tristeza de quem se acha só, a solidão... e não podemos nos esquecer que “harmonia” é também, um conjunto de sons que constituem o acorde musical, é a própria arte de ordenar estes acordes que caracteriza o canto, além da qualidade que torna a frase ou o discurso agradável ao ouvido.

Contudo, o sonho da arte continua, sendo sonho, porque não se realiza, mas aquilo que se evapora no mundo, entretanto, o poema reserva, cantando o destino da arte: evitar que se evaporem os sonhos as esperanças, os projetos. O poema se caracteriza por apreender na sua forma literária a forma social. O “eu lírico” não canta somente a sua subjetividade, mas o destino da humanidade, pela sua autoconsciência explícita.

## **CONCLUSÃO**

Recuperemos, portanto, algumas questões do poema. O poeta, não apenas olha, como canta as coisas acontecendo, olhar este que revela o seu sentimento de impotência

ao assistir às transformações, mas ele também se transforma, nas diversas maneiras como se apresenta: “Sou um homem marcado”, “Sou marinheiro”, Sou o indefinido/o inesperado.” O tempo passado, incrustado no tempo presente, refletindo uma utopia futura, torna a representação possível: o que a obra de arte condensa, não é a sociedade, mas a lógica que a movimenta.

Cardozo antecipa, em alguns de seus poemas, como por exemplo, em “As Alvarengas”, a fase de consciência catastrófica do atraso que em, Antonio Candido, corresponde à noção de país subdesenvolvido, que ocorre na década de cinquenta. Cardozo reitera sua desconfiança, sinalizada desde seus primeiros poemas, em “Canto do homem marcado”. A postura filosófica e político-cultural da organização poética de Cardozo é crítica e vigilante, nunca eufórica ou ingênua. Em seus poemas, não comunga do passado nostálgico lastreado pela economia açucareira, como era comum no modernismo pernambucano, também não vê otimismo no progresso burguês que até certo ponto contaminou a poesia dos paulistas. A contemporaneidade do poeta se coloca frente aos nossos olhos, pois o país natal de Cardozo foi convencido de que o que valia era o capital estrangeiro, sua eficiência e sua competitividade, enquanto o Estado e a soberania seriam relíquias de um passado ruim. Na base de tudo, estaria agora o capital - sem pátria.

Joaquim Cardozo nasceu em 1897 e faleceu em 1978. Nascido na divisa de dois séculos conviveu com diversas tendências. Essa convivência com diversas escolas literárias, marca a escrita de Cardozo em “*Canto do homem marcado*”. Assim como Ledo Ivo, Geir Campos e João Cabral de Melo Neto, Cardozo busca uma poesia mais equilibrada e séria. Os poetas da Geração 45 tomaram como modelo os poetas Parnasianos e Simbolistas, essa nova postura de criação poética foi defendida pela revista Orfeu, no ano de 1947.

No mais, o que se pode afirmar, é a existência de um realismo em Cardozo, na perspectiva de Auerbach (2002), que está mais na capacidade de captar formalmente o movimento da sociedade que lhe foi contemporânea e menos no uso do retrato pitoresco do país. Trata-se de uma representação do mundo e de si mesmo, inquieta e pautada pela dúvida. Assim, o país apresentado por Cardozo é mais do que a pátria pitoresca e mítica da “cor local”. Seu realismo é soma de valor estético universal, como se pode perceber no uso das conquistas estéticas da vanguarda, e no conhecimento profundo da realidade histórica brasileira.

José Guilherme Merquior, em artigo intitulado “Estranhadamente Moderno” (CARDOZO, 2008, p.69) diz que os efeitos da modernidade na zona da mata



nordestina, o embaraço do eu lírico ante as vexações e a empáfia do progresso, a memória da paisagem da província, seu tempo lento e profundo são os temas que freqüentam os poemas de Joaquim Cardozo. É um poeta de cajus, águas e Marias. Mas também de aviões e de aves de rapina que sobem aos céus em busca de explicações para a queda humana.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADORNO, Theodor. *Lírica e Sociedade*, In: Textos Escolhidos – Walter Benjamin, Max Horkeimer: Theodor W. Adorno, Jurgen Habermas, São Paulo: Abril Cultural, 1993.

AUERBACH, E. Mimeses. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993, 7 ed.

CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.